

Morte, morrer: múltiplos sentidos!

"[...] podem-se pesquisar as espécies de morte, as causas, "modos e meios" de seu surgimento [...] permanece em questão como a essência da morte se determina a partir da essência ontológica da vida." (Heidegger)

Evandro Pontel*
Olmaro Paulo Mas**

Resumo

A reflexão proposta tem por objeto a categoria morte, procurando focar a sua relevância na sociedade contemporânea. Neste exercício reflexivo, o ponto de partida são duas áreas do conhecimento humano: a filosófica e a teológica, expondo e analisando concepções acerca da significação e pertinência atuais de tal realidade existencial e humana. Trata-se de perceber a implicância da morte como fenômeno em si, na realidade ontológica do ser humano, que na sociedade nem sempre tem sido uma questão levada a sério. Isto pelo fato de se tratar de uma categoria que é essencialmente devir, imanente à condição de todo ser vivente, porém, especificamente realidade humana, por excelência, pelo nível de consciência inerente à natureza humana.

Palavras-chave: Condição humana. Morte. Vida. Natureza humana.

1 INTRODUÇÃO

A morte, assim como a doença e o sofrimento são integrantes da condição humana. Porém, na atualidade, a sociedade não está inclinada a

* Bacharel em Filosofia pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai de das Missões *Campus* de Erechim; Bacharel em Teologia pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, *Campus* de Santo Angelo; Supervisor de Ensino e Tutor Permanente da FAURGS/ RedeSAN em Porto Alegre, RS; epontel@hotmail.com

** Bacharel em Filosofia pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai de das Missões *Campus* de Erechim; Bacharel em Teologia pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, *Campus* de Santo Angelo; Mestrando em filosofia na Universidade Pontifícia Católica do Rio Grande do Sul; opmass@ibest.com.br

considerar esses fenômenos, pois, “[...] parece que a questão da morte e do que a ela segue perdeu atualidade.” (ZILLES, 2007, p. 11) Em geral dá-se mais importância à beleza, pelo aspecto saudável, à corporeidade, ao corpo sadio e o aspecto jovem do existir.

A tentativa de pensar acerca da morte, certamente precisa levar em conta uma série de questões que vêm à tona quando nos propomos a discorrer sobre ela. Entre outros: quem é o ser humano? De onde viemos? Para onde vamos? O que estamos fazendo aqui? Qual a essência da vida? Por que temos de morrer? Qual a causa dos sofrimentos? Tudo acaba com a morte? Ser ou não ser?

Para Lalande, em *Vocabulário Técnico e Crítico de Filosofia*, “[...] a vida é um conjunto de fenômenos de toda a espécie (particularmente de nutrição e reprodução) que, para os seres que têm um grau elevado de organização, se estende do nascimento (ou da produção do germe) até a morte” (LALANDE, 1999, p. 1210).

O ser humano é um movimento constante. É um ser dinâmico que vive sempre em constantes buscas na sua vida. A existência humana é marcada essencialmente por duas constantes: o vir e o ir. Ou seja, passamos a fazer parte do mundo e nos tornamos seres de encontro, relacionalidade e reciprocidade. Por outro lado, vivemos a dimensão do ainda – não do ir, no sentido de caminhada contínua. Além disso, a racionalidade como característica inerente e específica oferece condição de possibilidade de pensar e re-pensar a totalidade, na qual o ser-no-mundo se situa como ser de abertura, no definir e redefinir a própria existencialidade, qual o sentido da existência e o fim último do existir, além do caráter constitutivo da humanidade no mundo.

2 VISÃO FILOSÓFICA DA MORTE

Toda chegada é uma nova partida. E toda partida é um indicativo de nova chegada. Nesse partir e chegar, os humanos, seres de encontro por excelência, estabelecem relações com sua sujeitidade, dos sujeitos consigo mesmos e, em uma esfera mais ampla, com o outro, onde aprende-se a dinâmica da sociabilidade humana.

A morte é a concretização última da finitude. Nela se encerra toda possibilidade da condição humana na sua existencialidade. Ela faz parte do processo bio-físio-psíquico dos seres humanos. Nascer, crescer, amadurecer e morrer é um processo inerente à vida de qualquer ser humano, como de outros seres vivos. “No sentido mais amplo, a morte é um fenômeno da vida.” (HEIDEGGER, 1990, p. 28).

Nessa ótica para Zuben (1998), apropriando-se de Montaigne, “[...] a morte é o fim da vida.” Ser o fim, entendido como finitude, significa implicar no término de alguma coisa. Tal compreensão só terá sentido em relação àquilo do qual é o fim, o polo oposto, a vida. A morte pode ser, então, concebida somente em relação à vida. Assim, ambas as categorias, vida e morte, são dimensões imbricadas em um único e mesmo processo e mantêm entre si uma relação dialética. A morte é parte integrante da vida, do viver, do devir da condição humana, “[...] a morte pertence à vida. A morte não é exterior à vida, ela a integra e é fundamental.” (NODARI, 2007, p. 40) Ferrater Mora salienta que, “[...] pode-se entender a morte de duas maneiras. Antes de tudo, de modo ambíguo, e em seguida de modo restrito. Entendida em termos amplos, a morte é a designação de todo fenômeno no qual se produz uma cessação. Em sentido restrito, em contrapartida, a morte é considerada exclusivamente como a morte humana.” (2001, p. 2016) Ao longo da história, todavia, a ênfase é dada a esta última definição, seja por uma razão terminológica, seja porque se considerou que apenas na morte humana o ato de morrer adquire sentido.

Dessa maneira, perguntar acerca da significação da morte exige a busca do sentido da vida. Ou seja, pensar a dimensão do morrer implica encarar uma questão de vida, da existencialidade, mesmo que seja para determinar o modo pelo qual ela poder-se-á concretizar ou pelo qual se realiza. Nessa compreensão, se há algum sentido na morte, só pode ser apreendido por um ser dotado de autoconsciência, o homem. Mesmo que todo ser vivo se percebesse totalmente impotente diante da morte, o homem “[...] tem uma vantagem sobre todos os outros seres vivos que é poder extraordinário, seja de prolongar o término, seja de antecipá-lo, de algum modo, agindo sobre o processo.” (ZUBEN, 1998).

A categoria morte é ambígua e, por consequência, leva ao exercício do pensar. Por trás de seu sentido aparente, podem se esconder significados que o homem, desde o pensamento mítico até o filosófico, teológico e técnico-científico, vem tentando desvelar. Ou seja, compreender a morte e sua significação é a tarefa de processualidade da vida. Sobre este processo temos várias concepções, que tratam de conceituar a morte. Temos variadas representações e significações que se opõem e se contradizem, no transcorrer da história da humanidade, sobretudo na atualidade, devido a algumas caracterizações da pós-modernidade e do pluralismo tanto religioso, cultural, como ideológico, dos relativismos e da secularização, dados inquestionáveis da época atual. Novamente Zuben (1998), em sua reflexão à respeito da morte, mostra como ela tem sido pensada ao longo dos tempos: “Os homens em

geral nas mais diversas culturas e sociedades, até as modernas têm, por diversas razões, se distanciando da morte tentando exorcizá-la, tentando abafá-la, tanto na sua condição de possibilidade inerente à humanidade quanto na sua objetividade.”

A época presente testemunha algo especialmente surpreendente, sem igual em épocas passadas. Presenciamos profundas mudanças que vêm transformando as condições de existência da humanidade. A técnica desenvolvida pelo avanço da ciência, herdeira de todo o pensamento filosófico renascentista-moderno e da revolução científica, vem conquistando espantosa capacidade de interferência e de possibilidade de transformação dos sistemas físicos e orgânicos e do próprio ser humano – o código genético, o mapeamento do genoma humano, tornando cada vez mais frágeis as capacidades de prever a cadeia das consequências. A própria intervenção no projeto da criação é fruto do desenvolvimento tecnológico, da razão instrumental, em que curiosamente, o homem luta por tornar-se senhor, o seu criador e, ao mesmo tempo, tornando-se a primeira grande vítima, em um paradigma de subjetivismo extremo, levando às últimas consequências a máxima defendida na Grécia antiga, por Protágoras, o mais renomado sofista da época, “[...] o homem é a medida de todas as coisas; daquelas que são aquilo que são e daquelas que não são aquilo que não são.” (apud, SÊNECA, 2006, p. 81) Ou seja, não há verdade, exceto aquela percebida pelo homem.

Este projeto técnico-científico instrumentalizado é o novo que vem provocando uma preocupante ruptura em relação às categorias éticas que se vêem incapacitadas de dar conta racionalmente dessa nova realidade, em uma ética universalmente válida, das condições de vida, da existencialidade e a interferência direta da ação humana em relação à vida planetária, chegando-se a um forte relativismo. Conforme Zuben (1998), “[...] se a condição humana pode ser transformada, as representações e significados devem sofrer revisão, inclusive o viver e o morrer.”

No âmbito da filosofia a morte parece ininteligível para a razão humana, sendo propriamente impensável para muitos e absurda para outros. Relembrando Montaigne, se a morte é o fim da vida, então a consideração do direito de morrer deve articular-se primeiramente com uma concepção do fim da vida, da finalidade do viver, da existencialidade. Voltamos sempre à clássica questão: por que viver? Qual o sentido da vida? Teria à vida humana uma finalidade última, como enfatizou Aristóteles, que é a felicidade do cidadão na polis grega, vivendo tanto política, como eticamente sua vida?

A vida humana é breve e passa de um modo vertiginoso, em uma série

de fenômenos e eventos que tocam a existencialidade. Recorrendo a outro pensador, Sêneca, percebemos a relevância de refletir a necessidade de um olhar tranquilo acerca da possibilidade última da existencialidade, a morte. Referindo-se à morte, ele afirma o seguinte: “[...] é grande coisa, e cada um deve apreender a conhecê-la para saber morrer com serenidade, quando soa a hora inexorável. Quem não é disposto a morrer não é disposto a viver; de fato a vida nos foi dada somente com a condição da morte. Por isso é loucura ter medo da morte.” (SÊNECA, 2006, p. 10).

O ser humano, sendo um ente problemático em si e para si mesmo, configura-se como um ser que pensa e repensa a sua existencialidade. Nesse intuito de pensar a existencialidade do ser humano, surge no século XX uma corrente de pensamento filosófico que visa redefinir o estatuto ontológico do ser. O existencialismo trata da categoria da morte como um problema filosófico, procurando compreender o ser humano a partir da existência humana. Todo esse caráter reflexivo acerca do sentido da existência humana e da morte emerge em um período bem peculiar da humanidade, levando em conta o contexto de duas guerras mundiais, gerador de um pessimismo e da angústia em relação à existência humana, que levaram a pensar o estatuto próprio da vida humana, sua significação e finitude.

Heidegger¹, um dos maiores expoentes de tal corrente de pensamento, deixa transparecer em sua obra o intuito de retomar pela base à problemática do ser. Isto é, trata de fundamentar a ciência do ser, à metodologia fenomenológica, para captar a existencialidade e a constitucionalidade do ser, porém do ser na sua concretude, o ser do ente na existencialidade humana. Na verdade, o objetivo central da sua obra parece centrar-se em definir o sentido do ser e seu método. Para tal fim, “[...] o que se busca é responder à questão do sentido do ser em geral e, antes disso, a possibilidade de elaborar radicalmente essa questão fundamentadora de toda ontologia.” (HEIDEGGER, II, 1990, p. 9) Essa problemática, como inquietação, recai sobre o único objeto possível, que é o próprio ser² enquanto sujeito existente, que na terminologia heideggerniana é o ser-no-mundo. Pois, nessa compreensão exposta, aborda-se esta problemática em uma analítica-fenomenológica para poder chegar a uma noção geral do ser. Desse modo, a investigação sobre o ser aponta para a própria metafísica, procedendo à investigação ontológica do ser-no-mundo, como entidade singular.

Heidegger, ao proceder a investigação do ente tematizado, constata que, em suas estruturas fundamentais, isto é, o ser-no-mundo, na sua constituição, encontra-se a pre-sença. A existência é essência da pre-sença, enquan-

to, abertura, poder-se que se compreende na processualidade da vida. Dito de outro modo, "a pre-sença é o que sendo, está em jogo como seu próprio ser". (HEIDEGGER, II, 1990, p. 9) Nessa ótica, "[...] a essência da pre-sença (ser-no-mundo) está em sua existência" (p. 77), uma vez que ele não pode ser separado nem distinguido dos seus modos de ser. Desse modo, o ser-no-mundo é a possibilidade concreta e total da minha existência, ou seja, "[...] que a existência tem preeminência, sobre a essência." (JOLIVET, 1975, p. 91)

Partindo da pre-sença, o ser-no-mundo é entendido como abertura, possibilidade e, por isso mesmo, esta determinação fundamental do ente tematizado é estar-no-mundo, em um poder-ser, porém, "[...] a expressão composta ser-no-mundo, já na sua cunhagem, mostra que pretende referir-se a um fenômeno de unidade. Deve-se considerar este primeiro achado em seu todo," (HEIDEGGER, I, 1990, p. 90) no captar o ser do ente implicado na mundanidade e temporalidade, o ser do existente, o ser-em, situado na mundanidade. "O ser-em é, pois, a expressão formal e existencial do ser da presença que possui a constituição de ser-no-mundo." (HEIDEGGER, I, 1990, p. 92)

Isto é, o existente sempre depende do modo de ser-no-mundo. O que se quer captar é a constituição do ser no cotidiano, pois é impossível pensá-lo fora do mundo. O estar-no-mundo é característica do ente. A mundanidade, "[...] a totalidade que engloba o existente é de tal natureza que se apresenta como sendo o conjunto das possibilidades que constituem o ser." (JOLIVET, 1975, p. 97) Dito de outro modo, é o ser-no-mundo que confere aos objetos intramundanos sentido e inteligibilidade, que os faz ser. O mundo é, então, aquilo a partir do qual o ser se mostra o que é. A espacialidade é outra característica. Ou seja, o espaço resulta, portanto, da estrutura, o estar-no-mundo do ente. O estar-no-mundo faz referência ao ser submetido ao cotidiano, na existencialidade com os outros. Assim, "[...] a compreensão do ser-no-mundo como estrutura essencial da pre-sença é que possibilita a visão penetrante da espacialidade existencial da pre-sença." (HEIDEGGER, I, 1990, p. 94)

Para entendermos a existencialidade em Heidegger, precisamos levar em conta a preocupação, a angústia e o ser-para-a-morte.

A constituição fundamental da pre-sença é ser-no-mundo, e "[...] aquilo com que se angustia é o ser-no-mundo como tal" (HEIDEGGER, I, 1990, p. 249), angustiado, inquieto, pela sua própria fragilidade, diante do nada, diante das várias possibilidades apresentadas na mundanidade. O ser humano é existencialidade, um ser lançado no mundo, jogado no mundo, como ser-aí, ser de possibilidades. A angústia se angustia com o próprio ser-no-mundo, com sua condição existencial. O ser aí, enquanto ser-no-mundo, partindo da analítica

fenomenológica, é entendido por Heidegger como angústia, como sentimento mais forte da ansiedade e inquietação.

O homem é angustiado pelo fato de ser-aí, jogado no mundo. Ou seja, “[...] ele aparece como um poder-ser.” (JOLIVET, 1975, p. 108) É aquilo que pode ser e existe segundo o modo das suas possibilidades. A angústia provém da própria condição existencial, que é o fenômeno que nos revela a estrutura do ser-no-mundo, apreendida na sua totalidade. Trata-se de uma condição ontológica do ser humano, diante do vazio de si mesmo, diante da sua própria contingência. O efeito imediato da angústia é o isolamento. Lança o homem na solidão, no “solipsismo existencial”. Este solipsismo não é um vazio, mas coloca o ser diante de si mesmo. Entrega-o a seu “poder-ser”, descobre, revela seu “ser livre”, para realizar suas possibilidades em uma existência própria e autêntica. A angústia recorda ao ser-aí como é “ser estranho no mundo” e como é ser responsável por si mesmo. Nessa realidade ontológica de angústia, o ser se eleva, porque ele é abertura e o faz escolher entre a existência autêntica e a existência inautêntica. Diante da angústia, o ser-aí define na sua unidade fundamental todas as determinações do ser. Como nos salienta Jolivet, (1975, p. 121), “A sua estrutura ontológica corresponde à maneira de ser que procura descobrir o próprio existente real.”

O ente como ser-no-mundo, que se revela como preocupação, angústia, “[...] é um poder-ser pelo qual se torna, no seu ser, em problema do seu mesmo ser.” (JOLIVET, 1975, p. 125) A morte, ontologicamente falando, nesse sentido é a possibilidade do ser-no-mundo, na qual a totalidade do ser se encontra em questão, ou seja, é considerada como acabamento, este entendido como seu fim. “Morrer, por sua vez, exprime o modo de ser em que a presença é para a sua morte. A presença só pode deixar de viver na medida em que morre. A morte é uma possibilidade privilegiada da presença.” (HEIDEGGER, II, 1990, p. 30) Em sua essência e constituição, desde que o ser é, é para o seu fim. Ou seja, na sua configuração, o ser é um ser-para-a-morte. Como nos assevera Jolivet (1975, p. 129), enfatizando a centralidade do pensamento de Heidegger, “[...] o homem é, essencialmente e constitucionalmente, um ser-para-a-morte.” A possibilidade mais eminente e enraizada em nosso ser é a de morrer. O caráter antecipativo do ser diz que a morte já está presente. A morte está sempre à espreita do existente humano, que está sempre correndo para a morte. A morte é a possibilidade mais peculiar e insuperável de nossa existência, também a mais certa e indeterminada. A morte rompe todas as ligações com o mundo. Ela é a nossa mais genuína possibilidade. O ser-no-mundo, pois, deve ser definido como “ser-para-a-morte”. Em última instân-

cia, a morte é “[...] a possibilidade da impossibilidade absoluta da pre-sença.” (HEIDEGGER, II, 1990, p. 32), de tal modo que a morte é um incontestável fato da experiência humana, ou seja, só se pode atribuir a morte a uma certeza empírica.

Erroneamente, na atualidade existe um grande esforço para dissimular a morte e, além disso, é vista sempre como um acidente, que acontece aos outros, algo indeterminado. A existência autêntica consiste em aceitar o fato do “ser-para-a-morte” como possibilidade mais radical, que reveste um caráter de espera. Nesta dimensão, ao assumir esta condição, o ser-no-mundo reconhece sua liberdade, enfrentando a situação angustiante como ser-para-a-morte. Esta liberdade possibilita escolher duas opções: uma vida autêntica, ou uma vida inautêntica frente à existência. Por fim, para Jolivet (1975, p. 130), ao comentar Heidegger, “[...] a morte é estritamente a possibilidade da impossibilidade de qualquer nova realização.” Ou seja, a morte para o ser-no-mundo é a suprema possibilidade do existir na existencialidade humana.

Onde podemos situar a morte? A morte, como vimos, é o acabamento do ser. Porém, tal evento não pode ser objeto de experiência, ou seja, como “essência” não se pode situá-la em parte alguma, já que ela não é senão ruptura, fenda, simples transição de um antes e o depois – ser vivo e cadáver.³ Posso experimentar a morte do outro, mas jamais fazer essa experiência ontológica no seu sentido, a partir da minha existencialidade, ou seja, “[...] ninguém pode assumir a morte do outro.” (HEIDEGGER, II, 1990, p. 20) Porém, o morrer inicia-se com o nascer, pois desde a constituição do ser apresenta-se como possibilidade, ser-para-a-morte. Se é verdade que não podemos situar a morte em lugar algum, a mesma não tem o estatuto de objeto empírico: é um simples ponto intocável e sobre o qual várias filosofias, ciências e religiões ainda não conseguiram explicar a sua totalidade, como evento em si e na sua significação. Enfim, “[...] enquanto fim da presença, a morte é a possibilidade mais própria, irremissível, certa e, como tal, indeterminada e insuperável da pre-sença. Enquanto fim da pre-sença, a morte é e está em seu ser-para o fim.” (HEIDEGGER, II, 1990, p. 41).

2.1 VISÃO CRISTÃ DA MORTE

Na tradição cristã temos uma compreensão distinta. É necessário deixar claro, que o ponto de partida é um dado de revelação, teológico, de fé, e não especulativo. Portanto, estamos em outra esfera de discussão.

Os cristãos, no princípio, viviam como as demais pessoas. Há um ponto

evidente, que os diferencia dos outros: a concepção da morte e da vida além da morte. Desde o final do século II, foi a concepção da vida, da morte e do além morte que os distinguia mais objetivamente dos usos pagãos que, até então, também os cristãos tinham seguido. Ou seja, temos uma mudança de concepção à respeito da existencialidade humana no que concerne a sua finitude e as suas possibilidades. Nesse sentido, os cristãos eram pessoas que, socialmente cumpriam as mesmas funções das dos pagãos na sociedade primitiva. Passaram a se distanciar deles, no modo como concebiam a vida humana, a morte e o pós-morte. Para os pagãos a concepção de morte era um tanto marcada pela frieza, pois, depois da morte tudo teria terminado. Para os cristãos, ao contrário, isso tudo não tinha sentido: eles acreditavam seriamente na outra vida, não de modo tão desesperado e frio. Percebe-se, assim, toda a diferença na concepção de vida entre os cristãos e os pagãos, o que também leva a uma concepção distinta acerca da morte. Para os cristãos tratava-se de entender o presente como uma vida provisória para ir em direção à verdadeira habitação, a verdadeira morada; já para os pagãos, a vida era compreendida num sentido fechado: a morte, de fato, era o seu fim.

No horizonte da concepção cristã, somos criados à imagem e a semelhança de nosso Deus, o Deus da vida que sempre nos acompanha, desde o ventre materno, como nos afirma o profeta Jeremias: "Antes de formar você no ventre da tua mãe, eu o conheci" (Jr 1,5), até chegar à radicalização da finitude humana: a morte. O ser humano é "[...] um nó de relações e dinamismos sem limites, voltados para todas as direções, clamando para uma realização plena e por um desabrochar num derradeiro sentido." (BOFF, 1976, p. 34).

A morte, para os cristãos, pessoas de esperança, não é o fim, pois é parte de toda criação. É a utopia da morte como fim-plenitude da vida, ou seja, passagem. De Deus o ser humano provém e a Ele retorna como parte de seu Projeto, da criação. Precisamos ter bem claro que o Deus cristão é o Deus da vida, não da morte. O Deus que quer vida para os seus filhos e filhas, e a quer em abundância. Por isso, nunca a morte é a configuração da vontade de Deus, mas ela é inerente à condição humana. É passagem de um estágio de vida a outro. A esperança é uma dimensão que foge às mãos humanas, é promessa, é fé. A esperança é a espera utópica daquilo que ainda não é. A morte, como afirma Boff, (1976, p.35), "[...] é sim o fim da vida. Mas fim entendido como meta alcançada, plenitude almejada e lugar do verdadeiro nascimento. A união interrompida pelo desenlace não faz mais que preludiar uma comunhão mais íntima e mais total". Ou seja, a morte, como percebemos, marca o fim de um processo, o biológico, mas no sentido da interioridade, ou espíritu-

al, a morte não se configura como um fim-fim, mas como um fim-plenitude, parafraseando Boff. A morte, nessa ótica, é muito mais entendida não como fatalidade, ou cisão, mas como passagem, no sentido de um redimensionamento das possibilidades na natureza humana, onde se dá a ressurreição.

Como seguidores de Cristo, os cristãos devem crer que a vida sempre vence a morte, mesmo nos momentos de crises, de dor humana, de perda de um ser querido. A ressurreição é o espaço de acolhida do amor infinito de Deus aos seus filhos e filhas que partem dessa vida. É crer na possibilidade do encontro, no face-a-face com o Criador, que ama a todos incondicionalmente, sem reservas, sem olhar para raça ou religião. Ama a humanidade, porque assumiu a condição humana, sendo misericordioso diante dos limites e fraquezas, nas fragilidades.

Desse modo, a morte não é o fim, mas a possibilidade de vida nova. A morte é um desabrochar de uma nova vida. Portanto, morrer não é o fim, sobretudo para os cristãos que na cruz têm um sinal de redenção, que confiam no amor infinito, incondicional de Deus, colocam a vida como possibilidade de encontro com o Criador, à transcendência, da qual são filhos e filhas adotivas e à qual voltarão, como morada última e definitiva.

3 CONCLUSÃO

No decorrer dessa breve reflexão procuramos focar a categoria morte, percebendo-a a partir de distintas matrizes de pensamentos. Podemos perceber que a morte na atualidade é uma realidade pouco pensada e, geralmente, pouco aprofundada, até porque não é algo atrativo para a nossa época, não faz parte dos interesses midiáticos e do mercado, baseado no capital. Assim, é sobre essa realidade que se voltam as angústias e que todas as energias parecem mobilizar-se para esconder sob os mais diversos "véus" ou até tentar suprimir ou escamotear tal evento, fazendo de conta que ele passa ao longe. Comumente pensamos: os outros morrem!

Vimos, ainda, que em qualquer dos três campos do saber, seja o filosófico, o teológico ou no científico, o sentido da morte insere-se no sentido da vida. Ou seja, para pensarmos a morte precisamos necessariamente discorrer sobre a significação da vida. O princípio é a vida, isto é, ambas as categorias, vida e morte se dialetizam na realidade ontológica inerente à existencialidade. A morte toca, apela e interpela como um vir-a-ser da existencialidade, como nos afirma Heidegger, somos seres essencialmente e, constitucionalmente, ser-para-a-morte.

O morrer é um ato humano, inerente à sua condição humana. É algo latente na vida, presente em cada degrau da escada da existencialidade. É parte da essência, quer queira onde estejamos. Diante da morte, na ótica cristã temos a passagem desse mundo ao outro, em um plano mais elevado, em uma relação de comunhão perfeita com Deus e com os que já partiram, no face-a-face. No entanto, diante de tantas concepções e compreensões que visam explicar este fenômeno, depende, sobretudo, de uma opção pessoal e da adesão, pois esta se for pela concepção cristã, parte certamente muito mais da fé, da aceitação da doutrina cristã, de Jesus Cristo como o mediador da salvação, que de provas empiricamente fundadas e cientificamente provadas. Diante disso, da complexidade acerca do evento morte, a pergunta que fica é a seguinte: qual é o significado da experiência da morte na sociedade contemporânea?

Death, Dying: Multiple Ways!

Abstract

The proposed reflection takes the category death as an object, trying to understand and to focus his relevance in the contemporary society. In this reflexive exercise, the starting point there are two areas of the human knowledge: philosophical and theological, exposing and analysing conceptions about the current signification and relevance of such an existential and human reality. It is the question of realizing the harassment, of the death like phenomenon in itself, in fact ontológica of the human being, who in the society not always has been a question when it was taken seriously. This because of being treated as a category that is essentially devir, inherently in the condition of any living being, however, specifically human reality, par excellence for the level of conscience inherent in the human nature.

Keywords: Human condition. Death. Life. Human nature.

Notas Explicativas

¹ "Publicado em 1927, *Ser e Tempo* [...] é um marco na caminhada do pensamento pela história do Ocidente. É a questão do sentido do ser. Não tanto o rigor sistemático como, sobretudo, o caráter provocador do questionamento fizeram da questão de *Ser e Tempo* o maior desafio para pensar o século XX." (HEIDEGGER, I, 1990, p. 11).

² Nesse sentido, “[...] o ser só pode ser determinado a partir de seu sentido como ele mesmo. Também não pode ser comparado com algo que tivesse condições de determiná-lo positivamente em seu sentido. O ser é algo derradeiro e último que subsiste por seu sentido, é algo autônomo e independente que se dá em seu sentido” (Ser e Tempo, p. 13).

³ “Nesse sentido, “[...] o morrer não é, de forma alguma, um dado, mas um fenômeno a ser compreendido existencialmente.” (HEIDEGGER, II, 1990, p. 20).

REFERÊNCIAS

ARIES, P. **História da Morte no Ocidente:** da Idade Média aos nossos dias. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

BOFF, Leonardo. **Vida para Além da Morte.** 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1976.

BRUSTOLIN, Leomar Antônio (Org.). **Morte:** uma abordagem para a vida. Porto Alegre: EST, 2007.

COSTA, José André da. **Sabor, Saber, Sabedoria:** reflexões sobre temas do cotidiano. Passo Fundo: IFIBE, 2006.

FERRATER MORA, José. **Dicionário de Filosofia.** Tradução Maria Estala Gonçalves; et al. São Paulo: Loyola, 2001.

GARCIA MORENTE, M. **Fundamentos de Filosofia.** Lições preliminares. 4ª. ed. São Paulo: Mestre Jou, 1970.

HEIDEGGER, Martín. **Ser e Tempo.** 2. ed. Tradução Márcia de Sá Cavalcanti. Petrópolis: Vozes, 1988.

JOLIVET, Régis. **As doutrinas existencialistas, de Kierkegaard a Sartre.** Tradução Antônio de Q. Vasconcelos; Lançestre. Porto: Martins, 1975.

LALANDE, André. **Vocabulário técnico e crítico de Filosofia.** 3. ed. Tradução Fátima de Sá Correia; et al. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

NODARI, Paulo César. Breves considerações filosóficas acerca da morte. In: BRUSTOLIN, Leomar Antônio. **Morte:** uma abordagem para a vida. Porto Alegre: EST, 2007.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. Luto, pobreza e representações da morte. In: XIMENES, Tereza (Org.). **Novos paradigmas e realidade brasileira.** Belém: UFPA/NAEA, 1993.

SÊNECA. **A Vida Feliz**. Tradução Luiz Feracine. São Paulo: Escala, 2006.

ZILLES, Urbano. A morte: o destino último do homem? In: BRUSTOLIN, Leomar Antônio. **Morte**: uma abordagem para a vida. Porto Alegre: EST, 2007.

ZUBEN, Newton Aquiles Von. **Questões de Bioética**: morte e direito de morrer. 1998. Disponível em: <www.fae.unicamp.br/vonzuben/morte.html>. Acesso em: 15 jun. 2007.

Recebido em 30 de agosto de 2011

Aceito em 21 de outubro de 2011

